

## Onde as casas se vestem de céu?

### Um conto como narrativa do pensamento visual

VigaGordilho

Artista Visual, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. da Escola de Belas Artes-UFBA

*O artigo reflete o processo criativo na construção de um livro de conto, a partir de vivências e de uma pesquisa prático-teórica sobre alguns símbolos africanos de matriz banto, inerentes à cultura afro-baiana. O encontro com pessoas e objetos simbólicos propiciou um entrelaçamento entre a materialidade (o fazer) e a conceituação da obra (o narrar), numa sistematização metodológica. O resultado interliga imagens e palavras, propiciando um diálogo imaginário entre povos distintos e entre a diversidade cultural presente na cultura popular. A narrativa aproxima culturas e favorece o envolvimento cognitivo e afetivo do leitor, contribuindo para que as investigações artísticas em âmbito acadêmico propiciem a comunicação, o entendimento e a análise crítica de distintas matrizes genéticas existentes.*

*Símbolos afro-baianos, poética contemporânea, conto, identidade e afetividade.*

## Where are the Houses Dressed in Sky Blue?

### A tale as narrative of visual thoughts

*The article reflect the creative process in the construction of a tale book, from living and a practical-theoric research about some African symbols of banto matrix, inherent to afro-baiana culture. The meeting with people and symbolic objects conciliate a interlacement between the materiality (to do) and the work concept (to narrate), in one methodological systematization. The result connects image and words, letting one imaginary dialog between distinct people and cultural diversity present in the popular culture. The narrative brings near cultures and promote the reader's cognitive and affective involvement, contributing to the artistic investigations in academic ambit propitiate the communication, understanding and the critic analysis of different genetic matrix existent.*

*Afro-baianos symbols, contemporanian poetic, tale, identity and affectivity.*

*Onde as casas se vestem de céu?* é o título de um livro de conto para todas as idades. Este constitui um desdobramento das pesquisas realizadas no Doutorado<sup>i</sup>, evidenciado através do trabalho de campo no Recôncavo baiano, e, em algumas províncias da África do Sul. Essas experiências propiciaram ressonâncias culturais na similitude de algumas matrizes culturais de origem banto<sup>ii</sup>. Para melhor entendimento do artigo apresentado, é significativo tecer algumas reflexões introdutórias sobre as pesquisas já realizadas.

Em 2004 escrevi o livro *Cantos Contos Contas - Uma trama às águas como lugar de passagem*. O recorte temático dessa publicação versa sobre a criação artística e tem como referência a matéria, o conceito e a memória de símbolos afro-indígena-brasileiros. Dando continuidade às pesquisas, em 2006 publiquei o primeiro conto, *Onde se esconde o cinza luminoso?*, abordando a simbologia das contas referentes ao mito dos orixás das águas e estabelecendo analogias cromáticas com a tríade primária. Em maio de 2008 publiquei o conto, que constitui o recorte deste artigo *Onde as casas se vestem de céu?* É interessante pontuar que o referencial imagético para a criação dessa narração já existia na série chamada *Caixas de Afeto*, exposta em maio de 2003 no Claustro do Museu de Arte Sacra da UFBA. Esta referida série, formatada em suporte de madeira de 33,0 x 33,0cm, contém pequenas bonecas, umedecidas com água, tingidas de corantes azuis e seladas por uma lâmina acrílica. As imagens criadas representam seres solitários, que às vezes se ocultam na urdidura da poética, mas também se espelham na trama dos espaços e situações idealizadas. O conceito foi manter vivo um diálogo com o afeto, que constitui, na obra, a própria cor azul e com as pessoas que conheci dos dois lados do Atlântico. As Caixas são uma espécie de nicho para divagações e interrogações. Busco nelas uma orfandade da memória: Quem teceu os fios? O que seriam, ou de quem teriam sido as diminutas bonecas de pano-cera, pequenas voduns?<sup>iii</sup> Referências para brinquedos infantis? Ou pequenos seres que se criaram ligados umbilicalmente às águas?

Que seria da idéia do afeto sem a imagem da água? Segundo Bachelard (1997, p.15), a água acolhe todas as imagens da pureza. Foi assim que resolvi dedicá-las aos erês<sup>iv</sup>.

O supracitado conto, portanto, entrelaça as imagens contidas na série *Caixas de Afeto*, com histórias ouvidas e símbolos colhidos. Nesta trajetória, o pensamento ganha uma visualidade em formas e cores, estabelecendo um encontro de identidade e alteridade com os personagens, propiciando uma proximidade imaginária entre culturas distantes. Para entendimento do porquê o Recôncavo baiano e algumas províncias da África do Sul foram escolhidos como territórios para se realizar a garimpagem dos símbolos propostos, faz-se necessária uma breve descrição de ambas as regiões.

Situado no entorno de Salvador, o Recôncavo baiano compreende uma unidade dual da fisicalidade, porto e porta portuguesa, território de “taipa de pilão”. Abrigou os engenhos de açúcar desde os primórdios da colonização, e a atividade salineira nos quais se desenvolveu a cultura escrava, inicialmente por grupos étnicos *bantu*, fervilhada nas senzalas e nos trapiches. História de grandeza e de miséria – para explicitar seu campo de convergência formado por bipolaridades: mente-matéria, saciedade-fome, fantasia-realidade. Cada par de contrários forma, por conseguinte, não apenas uma unidade, como também uma pluralidade. Havia o Recôncavo da cana, do algodão, da lã, do carvão, do gado, do fumo, do café, da farinha, do dendê, dos cereais, dos materiais de construção e, a partir de meados da década de cinquenta, o do petróleo. Gradativamente, o chapéu de palha do roceiro está sendo substituído pelo capacete de alumínio, e as torres de petróleo dialogam com as ruínas dos engenhos. Atualmente, a região integra 48 municípios, que vão do rio Sauípe ao rio Jiquiriçá. Com o ciclo do açúcar, criou-se um cenário econômico e político que traduz a formação cultural da Bahia. Com estas pontuações, constata-se que a memória da região é forte, pois além de ecoar a cultura dos povos indígenas, expressa essencialmente a simbologia negra, e seus descendentes: mamelucos, cafuzos e caboclos. O traço banto é encontrado em vários locais, em gente simples, heterogênea, bem como as raízes desse sulco cultural, o qual ainda se move em feiras livres, procissões, e através de inúmeros rituais. Conservam ainda a potencialidade de transformar aquilo que se encontra ao lado da morada, no mato, à beira dos regaços, argila, *tauá*, fibras, sementes, conchas, peles e muitos outros materiais, ou a recriar o lixo.

Entretanto, todo esse universo está em processo progressivo de aculturação, ou o que é pior, de desaparecimento. Foi também nessas mesmas águas, que em lutas, glórias e fracassos internacionais, a partir dos anos 1400 – 1500, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, belgas e alemães fragmentaram o continente africano em colônias e, por conseguinte geraram o encontro de europeus e brasileiros com pessoas arrancados da costa africana.

A partir do conhecimento desses fluxos e refluxos segui o curso das águas do rio Orange, e cheguei à África do Sul, primeiramente em *Johannesburg*, onde encontrei também uma espantosa heterogeneidade populacional: Bantos, Bosquímanos, *Afrikaners* (descendentes de holandeses,

ingleses e alemães), Coloredes (mestiços), malaios e indianos, que vieram para o país em meados do século XIX, para a cultura dos canaviais na província de Natal e ficaram. Sendo assim, muitos idiomas são falados, sendo o *isiZulu*, o *afrikan* e o inglês os que mais escutei. Traços da cultura *Siyawe* (tradicional) sobrevive, sobretudo com a população negra. Vivi por algumas semanas em *Orange Farm*, região próxima a Soweto, a 30 minutos de *Jô.Burg* e passei por lugarejos próximos a *Mpumalanga*, onde a maioria das casas eram pintadas de todas as cores, especialmente de cor de rosa.

A certeza que tenho é de que os africanos sobrevivem com seus legados, mesmo tendo dissipadas suas crenças de origem, ao serem comercializados como escravos e distribuídos em vastos e distintos territórios. Sob esse prisma, eles constituem o maior exemplo de resistência cultural. Baseada nessas reflexões, trago à tona memórias afetivas que, como toda temporalidade, são irrepetíveis, mas sinalizam uma possibilidade de permanência e configuram uma potencialidade de reflexão na narrativa que agora apresento.

### **O conto**

Quando criança, da janela do carro ou do trem, nas estradas que me levavam para a fazenda de meus avós em Santo Antônio de Jesus, lá para as bandas do recôncavo baiano, costumava acenar com as mãos para as pessoas. Elas me pareciam tão semelhantes! As pessoas, as casas, as estradas... Não importava que lugar ou povoado fosse. A lembrança que tenho é que todas respondiam com alegria ao meu adeus.

Continuei repetindo esse gesto aos 20, 30, 40 e aos 50 anos... em muitas cidadezinhas por onde passei no interior da Bahia, e por outras muitas cidades brasileiras. E até por caminhos que me levaram a conhecer o povo banto, em províncias longínquas, como *Mpumalanga*, na África do Sul, repeti o mesmo aceno lá, igualzinho ao de cá.

Você já experimentou essa sensação de dar adeus para pessoas que nunca viu antes?

Pois bem, esse conto narra, em imagens e palavras, experiências vividas. Fala essencialmente das pessoas que conheci, nos dois lados do Atlântico, no percurso de minhas pesquisas em arte. Expressa o desejo de eternizar com ex-votos o meu muito obrigada por tanta ajuda recebida. Revela também um

pouco mais do cotidiano de gente simples, carinhosamente lembrada em *Caixas de Afeto*. Conta este livro um pouco da vida dessas pessoas as quais abracei de pertinho. Tornar visíveis suas identidades revela fazeres, registra e reacende alegrias, traduz suas dores e (des)semelhanças que, com certeza, não ficaram somente no (a)deus do carro e do trem. O agradecimento aqui, foi tecido com mão, cabeça e coração, formatado através de pequeninas bonecas de pano, recheadas com trapos brancos, feitas por artesãs no recôncavo baiano; e por mulheres africanas (recheadas com trapos coloridos). Apropriei-me das singelas bonecas e elaborei obras em pequeno formato, utilizando fibras de algodão, pigmentos azuis, cera de abelha, ouro e água, entrelaçando matéria, conceito e memória.

Toda essa experiência me fez acreditar que há deuses protegendo essa gente e que existem casas vestidas de céu.

Você quer conhecê-las?

Primeiro apresento Seu Manuel, “cabeça no céu”, assim o chamava Dona Cadu, lá nas bandas do distrito de Coqueiros, banhado pelo rio Paraguaçu, coração do Recôncavo baiano. Para me fazer um agrado, ele dizia:

- Vai Manuel, buscar um peixe pra professora, ligeiro moço, não vê que ela está com um buraco que não tem mais tamanho, na boca do estômago? Chispa daqui, homem de Deus.

E para mim sussurrava:

- Manuel parece que vive com a cabeça no céu.

Agora, Manuel mora de verdade no céu, e Dona Cadu acende vela pra ele todo sábado, “alumiando” sua foto em um altar enfeitado e com cheiro da flor de angélica.

O compadre de Manuel, Seu Valdemar, esse sim, fechava qualquer “buraco na boca do estômago”, pois tinha ao mesmo tempo um pé no rio e outro no mar... Trazia ligeirinho um robalo gostoso, com pouca espinha, que devorávamos com angu, pirão preparado com farinha de copioba, torradinha na hora, e, às vezes, um surubim pescado nas águas do Paraguaçu e preparado com leite de coco e azeite de dendê. Uma delícia! “Até dá água na boca”, só de lembrar.

E Seu Gentil? Quando lembro dele eu riooooooooooooooooooooooooooooo. Sabe por quê? Porque Gentil entrou no rio e o rio entrou em Gentil... Faz tempo

que ele vive lá nas margens do rio Orange, na África do Sul, e o povo de lá o chama *Amazi*, que na língua banto significa água, rio, fonte ou regato.

Para você entender melhor: Nas águas do Paraguaçu, conheci Manuel “cabeça no céu”, Valdemar com um pé no rio e outro no mar, e, nas águas do rio Orange, encontrei Gentil (*Amazi*), que não tirava o pé do rio, por isso se tornou gentil.

Ainda em *Mpumalanga*, conheci Dona *Makabo Mulengo*, que era um denngo só. Falava de mansinho e, quando andava, requebrava as ancas largas, balançando as inúmeras pulseiras de contas que usava nas pernas e nos braços. Empregava as palavras sempre no diminutivo:

- Menininha segura a mãozinha do seu irmãozinho... Leva ele pra casinha, devagarinho... Entrega o menininho à mainha dele....

*Makabo* me fazia lembrar a viúva Nena, da Ilha de Maré, nas águas da Bahia ... Tão boazinha a coitada!!!! Uma bordadeira de renda de bilros de “mão cheia”, que, com tanta linha ao redor, vivia doidinha para pescar um novo marido.

Seu Zé “Pé de vento”? Passava chispandoooooooooooooooooooooooooooooo, leve como uma pluma, só parava pra comer. É um pisador de dendê daqueles! Filho de Cachoeira, vive em um município chamado Calemba. Ele era nosso estiva de afeto, carregava todas as mochilas pra gente... Era conhecido como “Zé sebo nas canelas”.

Quando o rio e o mar secavam em Bom Jesus, estuário do Paraguaçu, e as mulheres só podiam mesmo mariscar, dona Iaiá não gostava e, cedinho, na serra dos ventos, ia chamar o maaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Aí as águas chegavam de mansinho...

Fikile e Seu Vavá só viviam no balanço, pra lá e pra cá... Só na paquera... aqui... e lá...Pra cá e pra lá...

No orfanato em *Orange Farm*, pertinho de *Johannesburg*, morava Dona Gogo, a grande mãe. Ela tomava e dava conta de tudo. Vivia catando pedrinhas azuis e colocando na saia “arribada”... Quando perguntavam o que eram aquelas pedrinhas, ela respondia:

- São balas de anis. Colocamos na mesa junto com a comida, assim chamaremos os anjinhos para estarem em nossa companhia nas horas das refeições.

Algumas pessoas fuxicaram pra mim que aquelas pedrinhas azuis eram de ouro, outros disseram que eram diamantes embalados em papel celofane azul anil. Em segredo, contaram até que quem jogava as pedrinhas era um *erê* pretinho como a noite, que aos quatro anos virou anjo. Um “zunzum” danado... Quando escurecia e ficava um “paradeiro” só, ele, o tal *erê*, sobrevoava o orfanato atirando as tais pedrinhas ou pepitas azuis, não sei... Do que tenho certeza é que dona Gogo só esperava as crianças dormirem, e recolhia todas na sua saia “arribada”, uma a uma.

Maria do Céu, batendo com os nós dos dedos na mesa de madeira, confirmava:

- *Afu!* Minha fia, é verdade. Eu vejo com esses olhos que a terra há de comer. Só de pensar fico toda arrepiada. À noite, quando sinto a presença dele, meu corpo fica tão leve, parece até que flutua. Eu juro, de pé junto, que nessa hora o medo até vai embora.

Seu *Aluá* revelou para mim que o *erê* era o espírito de uma menininha que hoje vive na lua. Contou que podia até senti-la no peito, nos dias em que a lua cedo se desenhava no céu. *Aburicá*, o pai da menininha, que tinha fama de ser ruim, desabafou um dia para mim:

- Nega, ela mora no seu coração.

Espalhavam que ele era um *balagi*, uma pedra no caminho de todo mundo. Acho que o povo inventava, só porque, desde que a menina da cor da noite foi para o céu, ele tinha dias que “entornava cachaça”, e quando bebia muito ficava vermelho e bravo. Mas ele não me pareceu tão ruim assim, pois percebi que tinha um grande coração. Aliás, gente de coração grande é o que não falta em *Mpumalanga*...Mas, voltando à estória das pedrinhas, todos do orfanato “batucaram” no meu “pé de ouvido”:

- Moça, *Aburicá* também guarda bem escondido as pedrinhas.

Diziam inclusive que ele costuma pegar o ouro das pedras... O que você acha? Afinal, são pedrinhas azuis, balas de anis, pepitas de ouro, ou diamantes embalados em celofane azul anil?

Eu nunca consegui entender direito, pois cá nas margens do Paraguaçu, Seu Antônio, Negro da costa, como é conhecido, narra a mesma estória. Já virou também lenda no recôncavo a menina da cor da noite. Contam que ela era irmã caçula e agora mora nas nuvens, tem a pele macia como o algodão e,



quando aparece, faz chover no dia de São José, para garantir fartura na plantação de milho e do feijão.

Seu Antônio jurou para mim, mostrando os dedos das mãos:

- Quando a vejo, meu coração parece que até salta do peito.

Dona Maria, uma rezadeira de mato vassourinha, que diz ser Cabo Verde, confessou:

- Quando o véu da noite rasga o céu, nós quetamos pró molde dela aparecer vestida de renda azul.

Valei-me, meu pai! Coração saltando do peito... Rezadeira de mato vassourinha... Veu da noite rasgando o céu...

Queria, nesse instante, também poder dar à menininha afeto e uma flor de cabo verde ...Porque Dona *Matu*, a mãe da *erê*, todo dia a sente próxima. Às vezes ainda a carrega nos braços. Outras vezes, sua imagem toma seu pensamento... Choramingando, desabafou que o vazio é tão grande! Acredito que seja do tamanho daquele buraco que dona Cadu disse para Manuel que eu tinha na “boca do estômago”, quando tive fome, nas águas do Paraguaçu, você se lembra? Até me garantiu que sente que ela protege as duas irmãs mais velhas, como se estivesse sempre entre elas.

Pois bem, depois de conhecer toda essa gente... Ouvir suas (hi)estórias... Pedacinhos de tantos segredos... Acredito que somente as águas do mar, dos rios e do ar possam saber a verdade. Pois, quando elas chegam, regam as terras secas do nordeste brasileiro e as do continente africano... E o povo grita: “evém, evém, evém”...

Toda a tristeza passa, como diz Seu Sereno: “É só colocar o pé no mar ou ir pescar no rio, que o ar fica fresco e tudo volta a ficar sereno.”

Sereno é uma palavra engraçada... Como já contei no início deste livro, quando criança, ia para a fazenda de meus avós, em Santo Antônio de Jesus, e lá ouvia sempre minha vó Domnina gritar: “Sai do sereno, menina.” O que eu não sabia, naquele tempo, era que aquelas mágicas gotinhas que caíam do ar poderiam também fazer brilhar as casas coloridas em lugares tão distantes como Mpumalanga, na África do Sul, e vestir de vários tons de azul as casinhas do recôncavo baiano.

Então perguntei a muitas pessoas porque quase todas as casas do Recôncavo são pintadas de azul. Sabem o que me responderam? Os homens



mais velhos que moram às margens do rio Paraguaçu afirmaram que as casas do recôncavo baiano são também pintadas de todas as cores, como as de *Mpumalanga*, mas a tinta não tem liga e, sob o sol forte, desbotam. Os pescadores discordam. Contam que elas são mesmo pintadas de vários azuis, em homenagem às cores do mar. As mulheres confessam que elas são coloridas de azul para parecerem que estão cobertas com o manto de Nossa Senhora.

Mas, no que eu acredito mesmo, é que elas estão vestidas de céu. Sabe por quê? Porque há deuses e anjos que sobrevoam o adormecido Recôncavo baiano (como a menininha da cor da noite), e que fazem pousar a esperança nos rios e no ar, cá e lá, do outro lado do mar. E você, acredita?

### **O Processo Criativo: Ações Metodológicas**

Tem-se, então, a obra, que reivindica uma autonomia estética, e o texto, que, diante dela, opta pela tentativa de configurar-se num “testemunho” de sua construção. No processo criativo foi interessante mergulhar na essência e na expressividade individual de cada matéria separadamente: algodão, pigmentos azuis, cera, ouro e água. Busquei nelas todas as possibilidades matéricas e as deixei transformar por ações, como: cortar, costurar, encher, esticar, rasgar, amarrar, molhar, tingir, bordar, juntar, encerar...

Para conceituá-las, como já foi brevemente referenciado, visitei o pensamento visual e dei forma e cores às pessoas que conheci durante as pesquisas. Pensei na possibilidade de nunca mais poder reencontrá-las. Então, veio imediatamente a necessidade de agradecer tanta ajuda recebida, de poder falar do viver peculiar de cada um, da identidade e individualidade compreendida, das crenças tão distintas e, essencialmente, transladar para um universo imagético cada recordação, considerando essencialmente o significado contido na etimologia latina da palavra, *re-cordis*, passar de novo pelo coração as experiências vividas.

O processo criativo foi formatado então em dois eixos entrelaçados de abordagem metodológica: O FAZER (trabalho no atelier) e o NARRAR (reflexão em prosa), contendo as seguintes ações:

- Garimpar e fotografar algumas regiões do Recôncavo baiano e províncias da África do Sul no encontro de símbolos com matriz cultural banto.
- Registrar os símbolos encontrados e mapear os lugares visitados.
- Anotar expressões usuais dos habitantes em cada território de origem.
- Criar imagens artísticas ecoando um pensamento visual com apropriação dos símbolos encontrados, pessoas conhecidas e expressões catalogadas.
- Elaborar as *Caixas de Afeto* com materiais recolhidos em cada local.
- Buscar as anotações, rabiscos e documentação fotográfica realizadas
- Aproximar imagens e palavras, gente brasileira e pessoas africanas.
- Promover diálogos imaginários.
- Descrever e refletir sobre o Processo Criativo.

Sob essas ações metodológicas, fui tecendo as palavras entrelaçadas com fibras de algodão manipuladas por mãos femininas anônimas. Durante as oficinas que realizei com artesãs, as bonecas de pano foram recheadas com trapos alvos e com trapos coloridos, para me proporcionar sempre a identificação de suas origens: respectivamente, brasileiras e africanas. Mas, ao mesmo tempo, busquei nelas, uma orfandade de identidade nominal na confecção de cada uma. No encobrir e no descobrir da cera, busquei possibilidades de tensão ente o vivo e o inerte, entre o ser e a ausência, entre o indivíduo e o objeto, uma coleção de afetos umedecidos com pigmentos azuis, e protegidos e velados com cera quente.

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca cores particulares. (BACHELARD, 1997, p.18)

A exemplo da personagem Maria do Céu, reporteime-me à leveza de um xamã quando consegue anular o peso do seu corpo.

Ao Zé, “Pé de vento”, denominei também o apelido do Zé “ sebo nas canelas”, uma expressão utilizada no recôncavo para significar quem tem brilho na pele negra e ligeireza nos pés. Acredito que esse apelido surgiu incluso ao contexto, quando ele era também um pisador de dendê.

Conseqüentemente, tinha as pernas sempre brilhando devido à gordura existente no dendê e ligeireza nos pés, obtida por pisar diariamente os mencionados frutos. Assim sendo, a rapidez foi também referenciada.

Outras expressões foram utilizadas para operar a fala de cada local em um contexto metafórico: “Cabeça no céu”<sup>vi</sup>, “Água na boca”<sup>vii</sup>, Buraco no estômago”<sup>viii</sup>, “arribada”<sup>ix</sup>, “Coração saltando do peito”<sup>x</sup> “Rezadeira de mato vassourinha”<sup>xi</sup>, “Evém”<sup>xii</sup> “Véu da noite rasgando o céu”<sup>xiii</sup>, “Cabo verde”<sup>xiv</sup>.

Em alguns momentos utilizei também na narrativa palavras em banto, objetivando contextualizar o contexto africano onde os personagens operam: *Mpumalanga* (lugar onde nasce o dia), *Amazi* (água, rio, fonte, regato), *Afu* (expressão dita após pronunciar o nome de uma pessoa morta, acompanhada pelo gesto de bater com os nós dos dedos em algum objeto de madeira, a fim de isolar a possibilidade de uma corrente negativa atrair a morte), *Aluá* (bebida refrescante feita de casca de abacaxi fermentada, água, milho, raiz de gengibre e rapadura).

A certeza que tenho é a de que o artista, além de vivenciar experiências, precisa olhar, cheirar, saborear, acariciar lugares, escutar infinitos sons, conhecer pessoas, ouvir suas histórias, visitar constatemente a memória, a fantasia e, particularmente, falar da identidade. Nesse processo inteiro transformei as imagens em parceiras, assim como as palavras tornaram-se companheiras, mas no íntimo, acredito que o que faz o artista é prolongar o melhor da sua infância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BÉRGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001.
- GORDILHO-VIGA, Maria V. G. Martins. *CANTOS CONTAS CONTOS; Uma trama às águas como lugar de passagem*. Salvador: P555, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Onde se esconde o cinza luminoso?*. Um conto para todas as idades. Salvador: EDUFBA, 2005.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAUDE Jean. *Las Artes del África Negra*. Buenos Aires: Labor, 1973.

LODY, Raul. *Jóias de Axé*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PASSERON, René. A poiética em questão. *Revista de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS*. Porto Alegre: Instituto de Artes da UFRGS, 2004.

QUILOMBOS da Bahia. Direção: Antonio Olinto. Salvador: Portfolium, 2004. Filme documentário.

SERRA, José Trindade. *O simbolismo da cultura*. Salvador: Centro Editorial e/ Didático da UFBA, 1991.

---

<sup>i</sup> Tese de doutorado intitulada “ *Cantos, Contos e Conta: Uma trama às águas como lugar e passagem*”, defendida na ECA/USP em 2003, com auxílio da bolsa CAPES e publicada com o apoio da FAPESB em 2004, com o mesmo título. Essas pesquisas desencadearam duas becas consecutivas de intercâmbio para o Programa de *Cooperación Interuniversitária Interdisciplinar de Escultura e Nuevas Tecnologías* na UPV- Universidade Politécnica de Valencia na Espanha, em 2000 e 2001; o projeto *Frauenkulturforum* nas cidades de Essen e Hagen na Alemanha em 2002; a seleção para integrar o projeto *Visible Visions Contexto of the World Summit on Sustainable Development Rio + 10*, em *Johannesburg, África do Sul* no mesmo ano; o prêmio de residência de artista SACATAR em 2004, [www.sacatar.org](http://www.sacatar.org); e, a mostra das pesquisas realizadas na África, Naiobi/Quênia em 2005.

<sup>ii</sup> Denominação da grande família lingüística africana, que compreende mais de cem milhões de indivíduos concentrados em territórios localizados ao sul da linha do equador, entre eles: Congo, Angola, Moçambique, Quênia, Zâmbia e África do Sul. Pl. *bantu*, povo, gente.

<sup>iii</sup> Divindade *jeje*, equivalente a *inquice* e *orixá*, também conhecida como *vudu*.

<sup>iv</sup> Denomina o espírito infantil na cultura africana.

<sup>v</sup> Tauá é uma palavra de origem indígena que significa “Barro Vermelho”.

<sup>vi</sup> Ter os pensamentos nas nuvens, ser desligados das necessidades de sobrevivência na terra.

<sup>vii</sup> Dar vontade de comer.

<sup>viii</sup> Relativo a se estar com muita fome e sentir o estomago vazio.

<sup>ix</sup> Levantada.

<sup>x</sup> Ter o coração batendo acelerado e forte.

<sup>xi</sup> Mulheres que rezam para tirar mal olhado e utilizam uma folhagem conhecida como mato de vassourinha.

<sup>xii</sup> Está chegando.

<sup>xiii</sup> Às 18h, início da noite, hora da ave-maria.

<sup>xiv</sup> Ter a origem da raça negra misturado com a origem portuguesa, que resulta em ser negro de “cabelo bom”, atribuído aquele cabelo que não é crespo.

### **Currículo da autora**

Artista visual, Professora do PPGAV da EBA/UFBA. Realizou Exposições individuais e coletivas em espaços culturais em cidades brasileiras, na Europa, África, África do Sul. Recebeu Bolsas de Estudo e Prêmios nacionais e internacionais. É membro da diretoria da ANPAP e do Conselho Diretor do Instituto Sacatar. É líder do grupo de pesquisa MCM certificado pelo CNPq.

[vigagordilhofba@gmail.com](mailto:vigagordilhofba@gmail.com)